

Resenha¹

Franz Mehring, *Schiller – Retrato de uma vida para trabalhadores alemães*, Leipzig, 1905. 119 páginas.

“Retrato de uma vida” foi o título dado por Mehring a sua brochura, e ela o é no verdadeiro sentido da palavra. Não uma biografia, uma coleção cronológica rotineira das datas de uma vida, e sim um verdadeiro *retrato*, um quadro plástico, harmônico, que proporciona do princípio ao fim um prazer estético elevado, puro, graças ao desenho claro e a uma fina gradação.

O estudo de Mehring aparece na hora certa, como uma dádiva extremamente bem-vinda para os trabalhadores alemães, com o intuito de lhes oferecer um retrato do grande poeta livre de distorções tendenciosas burguesas e também, por outro lado, tendenciosas partidárias. A poesia de Schiller se tornou não apenas um componente perene da literatura clássica alemã, como também do patrimônio espiritual, sobretudo, do proletariado esclarecido e combativo; as palavras e máximas que ela cunhou se tornaram a forma predileta pela qual os trabalhadores alemães dão expressão arrebatadora a seus pensamentos revolucionários e seu idealismo. A difusão da poesia de Schiller entre as camadas proletárias da Alemanha contribuiu, sem dúvida, para seu aprimoramento intelectual e para a transformação revolucionária, e assim, em certa medida, teve sua parte na obra de emancipação da classe trabalhadora.

Contudo, não há dúvida de que o papel de Schiller no crescimento espiritual do proletariado revolucionário na Alemanha não reside tanto naquilo que, com o conteúdo de suas obras, ele infundiu na luta pela emancipação da classe trabalhadora, mas, ao contrário, naquilo que a classe trabalhadora adicionou de sua própria visão de mundo, de suas próprias aspirações e sentimentos à obra de Schiller. Aqui houve um processo singular de assimilação, pelo qual o público trabalhador não se apropriou de Schiller como o todo espiritual que ele de fato era, antes o desmembrou e, inconscientemente, o fundiu ao seu próprio mundo revolucionário de ideias e sentimentos.

Mas nós já passamos muito dessa fase do crescimento político, em que o entusiasmo efervescente, a aspiração clara-escuro pelas alturas luminosas do “ideal” anunciavam o início do renascimento espiritual da classe trabalhadora alemã. O que a classe trabalhadora precisa hoje é, sobretudo, compreender todas as manifestações da cultura política e também da estética em suas interrelações claras, rigorosamente objetivas, histórico-sociais, como elos daquele desenvolvimento social geral cuja mola propulsora em nossos dias é sua própria luta de classes revolucionária. A classe trabalhadora alemã pode e deve hoje, de um ponto de vista inteiramente científico-objetivo, confrontar-se com Schiller como uma poderosa manifestação da cultura burguesa, em lugar de se identificar subjetivamente com ele, ou melhor, de fundi-lo à sua própria visão de mundo.

Assim, justamente agora, por ocasião das comemorações do centenário da morte de Schiller, seria sem dúvida chegado o momento mais apropriado para que as relações mútuas entre Schiller e a classe trabalhadora, bem como sua poesia, fossem submetidas a uma revisão do ponto de vista do universo de ideias social-democrata.

¹ Título dado pela redação. Publicado em Rosa Luxemburgo, *Gesammelte Werke* 1/2, Berlim, Dietz, 1979, p.533-36.

Contudo, justamente aqueles círculos que estão sempre prontos a colaborar corajosamente com todas as revisões possíveis dos “pontos fracos” da doutrina marxista não demonstram a menor vontade de revisar os juízos acríticos rotineiros sobre Schiller. É, em todo caso, muito mais cômodo reivindicar Schiller para o proletariado como o grande apóstolo da revolução burguesa desdenhado pela burguesia, segundo o desgastado esquema; isso, contudo, demonstra no máximo uma incompreensão em igual medida do conteúdo histórico da revolução de março e da obra de Schiller.

A celebração de Schiller como um poeta *revolucionário* por excelência já trai em si uma recaída da compreensão do “revolucionário” aprofundada e enobrecida pela doutrina marxista, pelo materialismo histórico dialético, naquela compreensão pequeno-burguesa que vê em *qualquer* revolta contra a ordem legal vigente, ou seja, na manifestação exterior da revolta, uma “revolução”, sem levar em conta sua tendência interior, seu conteúdo social. Somente a partir desse ponto de vista se conseguiu ver em Karl Moor o precursor de Robert Blum, na *Luise Millerin* “a tragédia revolucionária da derrocada” e no *Guilherme Tell* “o drama revolucionário da consumação”² – sabem lá os deuses o que quer dizer esse palavrorio. Pela mesma compreensão somos então levados a fabricar uma contradição artificial entre o “idealismo revolucionário” dos dramas de Schiller e sua atitude diante da Grande Revolução Francesa, entre sua “Revolução do agir” e sua fuga para a “província pedagógica estética” e, por fim, como explicação para essa pretensa contradição, descobrir em meio à vida espiritual de Schiller uma quebra, uma profunda ruptura, que é então considerada uma consequência da “aclimatação cortesã” de Schiller pelo despotismo dos pequenos Estados.

Esta última teoria é também uma espécie de “compreensão materialista da história”, mas numa forma tão rasa e grosseira quanto o conceito de “revolução” a ela correspondente. Como consequência, toda a visão de mundo e a obra da vida inteira de Schiller não são explicadas em suas profundas características essenciais internas pela miséria histórica e social da Alemanha de então, uma miséria da qual o “despotismo de estados minúsculos” era apenas a chaga externa, embora cobrisse todo o corpo da nação, e sim pela pretensa “deserção” revolucionária de Schiller sob a pressão pessoal imediata das cortes de Stuttgart e Weimar.

Contra esse abuso “materialista” devido a um entusiasmo exaltado, o criador de *Wallenstein* encontra uma salvação honrosa em Mehring, um materialista ousadamente “ortodoxo”, que demonstra já na primeira obra de Schiller, nos *Bandoleiros*, aquela profunda divisão, aquele dualismo da visão de mundo que atravessa toda sua vida e sua criação e encontra uma conclusão muito consequente na “província estética” – a fuga da miséria social no reino depurado da arte ao final de uma trajetória espiritual que começou com a fuga para a floresta de um banditismo ultragenial³. Pois o “idealismo revolucionário”, dissociado do fundamento da visão de mundo *materialista* sobre a qual, por exemplo, ele de um modo clássico se baseia hoje no proletariado moderno, é algo de todo incongruente, e para se compreender Schiller como filósofo é preciso, antes de mais nada – compreender Karl Marx.

Se compreendermos a obra de Schiller por este ângulo, não teremos necessidade de, recorrendo a uma construção violenta, buscar o elemento fundamental unificador de seus dramas nas diferentes formas de manifestação da revolução histórica. Schiller foi antes de mais nada um verdadeiro *dramaturgo* em grande estilo, mas como tal, precisava de conflitos violentos, forças gigantescas, efeitos de massa, e encontrou sua

² Karl Moor é personagem da peça *Os bandoleiros* (1781), de Schiller. Robert Blum (1804-1848) foi um político alemão defensor de ideias democráticas e igualitárias. *Luise Millerin* (título que às vezes se dá à peça *Intriga e amor*, de 1784) e *Guilherme Tell* (1804) são também obras teatrais de Schiller (NT).

³ Referência ao enredo da peça *Os bandoleiros* (NT).

matéria nas lutas da história, não por que, e na medida em que, eram *revolucionários*, mas por que encarnavam o conflito trágico em sua máxima potência e efeito. Mehring solucionou esse problema em duas frases, quando diz: “Como poeta, ele precisava da matéria histórica” e “Como dramaturgo, Schiller era um grande historiador.”⁴ A Grande Revolução Francesa, que lhe causava repulsa justamente como *Revolução*, teria decerto, se ele a tivesse podido ver da perspectiva de um ou dois séculos, arrebatado sua veia dramática como um poderoso drama, uma batalha gigantesca do espírito histórico, e ele teria talvez, como *dramaturgo*, levado pelo simples instinto artístico, feito justiça a ela assim como fez ao papel histórico do homem de Friedland⁵, ou à luta pela independência da democracia camponesa suíça⁶, embora ele tivesse espiritualmente tão pouco a ver com a revolução burguesa quanto Wallenstein ou Guilherme Tell.

Para se compreender Schiller a partir de sua singularidade psíquica, da mistura especial do elemento filosófico com o poético, e sua filosofia em sua relação mútua com seu meio político-espiritual, o leitor encontra no estudo de Mehring indicações e estímulos a cada passo. O trabalho de Mehring prestará, por isso, o mais importante serviço ao público leitor que hoje importa, antes de mais nada, à literatura partidária: a cada passo o estimulará à reflexão e a novos estudos. E ao proteger o leitor de uma repetição acrítica de chavões e de qualquer culto a Schiller, ele ao mesmo tempo coloca diante dos olhos da classe trabalhadora alemã, com ainda maior plasticidade, a verdadeira beleza sublime da grande obra de sua vida.

Die Neue Zeit (Stuttgart),
Ano 23. 1904-5, Vol. 2, p. 163-165.

Tradução: Mário Luiz Frungillo

⁴ Franz Mehring, Schiller. Ein Lebensbild für deutsche Arbeiter [Schiller. Um retrato de sua vida para trabalhadores alemães]. In: *Gesammelte Schriften*. Vol. 10. Berlim: 1961, p. 174 (NE).

⁵ Referência a Albrecht von Wallenstein (1583-1634), a quem Schiller dedicou uma trilogia dramática, e ao principado de Friedland por ele fundado durante a Guerra dos Trinta Anos (NT).

⁶ Referência ao enredo da peça *Guilherme Tell* (NT).